

Vale do Paraíba: Da Economia Cafeeira à Sustentável

Miriam Francisca Rodrigues Couto¹

Prof. Dr. Elpídio Serra²

^{1,2}Universidade Estadual de Maringá/DGE. Av. Colombo, n.5790, Maringá (PR),
Cep: 87020-900. e-mail: 1couto.miriam@yahoo.com.br

O objetivo do trabalho é estudar o Vale do Paraíba, que foi um dos berços da economia cafeeira no Brasil emergindo logo após a queda da economia mineradora no século XVIII. A atividade agrícola deixou fortes marcas na região que hoje possui uma característica industrial, centrada em parte dos municípios com alto índice de diversificação. Mais recentemente, municípios regionais não beneficiados pela industrialização passaram a trabalhar com o Turismo, tanto o rural como o cultural, que segundo as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural um dos objetivos dessas atividades é o desenvolvimento sustentável. Portanto, o que já foi uma das principais áreas econômicas do Brasil caracterizou-se depois por “Cidades Mortas” e hoje é o Vale Histórico que se sustenta da pequena agricultura atrelada ao turismo. Como destaque, a região possui peculiaridades referentes a questão ambiental, pois conserva uma significativa porcentagem da Mata Atlântica, que se de um lado atrai turistas, de outro dificulta a vida dos agricultores pela perda de espaço para sua atividade econômica. Assim, do turismo são exploradas alternativas sustentáveis da forte cultura histórica por meio da religiosidade, gastronomia e do conforto das pequenas cidades e sítios.

Palavras-chave: Vale do Paraíba, economia cafeeira, Turismo rural e Turismo cultural.

INTRODUÇÃO

O Vale do Paraíba é uma região que atinge os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que compreende a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul abrangendo uma área de 57.000 km², correspondendo a 6% do território da região sudeste do país (Imagem 1).

O Vale do Paraíba se enquadra no domínio morfoclimático tropical-atlântico, cujo protótipo é encontrado nos “mares de morros” florestados do Sudeste do Brasil que são descritos por Ab’Saber (2003)

...pelos fatos fisiográficos pela decomposição funda e universal das rochas cristalinas ou cristalofilianas, de 3 a 5 até 40 a 60 m de profundidade; presença de solos de tipo latossolo ou *red yellow podzolic*; superposição de solos devido às flutuações climáticas finais do Quaternário em sertões sincopados; mamelonização universal das vertentes, desde o nível de morros altos até os níveis de morros intermediários e patamares de relevo; cobertura florestal continua na paisagem primária desde o fundo do vale até as mais altas vertentes e interflúvios, desde poucos metros acima do nível do mar até os espigões divisores; pouquíssima incidência de raios solares no chão das floresta; forte cota de umidade do ar; equilíbrio sutil entre processos morfoclimáticos, pedológicos, hidrológicos e ecossistemas. (Ab’Saber, 2003, p. 29)

Segundo Toledo (2001) a região pode ser dividida em: Vale do Paraíba Superior ou subregião do Alto Paraíba, que se estende desde sua nascente até Guararema; região do Vale Médio Superior, de Guararema até Cachoeira Paulista; e Vale Médio Inferior, que compreende pequena faixa de terra no Estado de São Paulo.

Os materiais e métodos utilizados nesse trabalho constituíram-se inicialmente de uma revisão bibliográfica relevando tanto os aspectos históricos como o potencial turístico dos municípios do Vale do Paraíba devido à importância econômica que a região teve no período cafeeiro o que influenciou a atual condição econômica da região, sendo que esta liga as duas principais cidades do país.

As regiões de maior interesse são os municípios do Vale Médio Inferior, pois esses guardam de forma mais marcante as características da região no período cafeeiro. Já o Vale Médio Superior não se estagnou após a crise cafeeira e aderiu à industrialização. Essas características são nítidas em uma viagem terrestre de São Paulo ao Rio de Janeiro ou vice-versa.

Dessa maneira, busca-se analisar quais as condições atuais das regiões pelas observações *in loco* e pelas diversas instituições e fundações regionais, que

trabalham para conservar e conscientizar sobre a importância da história da região e o potencial turístico que já está auxiliando a economia de vários municípios.

LOCALIZAÇÃO DO VALE DO PARAÍBA



Imagem 1- Localização do Vale do Paraíba no Brasil e seus municípios.

ASPECTOS HISTÓRICOS

Toledo (2001) descreve a história do Vale do Paraíba começando pelo processo de conquista, ocupação e povoamento do território pelo colonizador português em 1628, devido à concessão de uma sesmaria a Jacques Felix. Em cinco de dezembro de 1645 ergueu-se a Vila de São Francisco de Chagas de Taubaté.

Para Mota Sobrinho (1968) as vilas eram oriundas de provisões outorgadas pelo capitão-mor de Itanhaem e confirmadas pela donatária, à condessa de Vimieiro. Assim, os sertanistas as fundavam e seus moradores exploravam a terra mediante forais competentes. Os foreiros recebiam lotes de um lado e de outro do caminho marginal ao Paraíba, e assim expandiam o sertão instalando suas criações e culturas.

Os desbravadores dessas vilas tiveram fundamental importância no período da mineração em Minas Gerais, mas após a queda desta economia do século

XVIII, o Vale do Paraíba recebeu a produção de café a partir do Rio de Janeiro, se expandindo em muitas zonas rurais, até ser, a partir de 1830, a atividade agrária dominante, de ponta a ponta, em toda a região, assim ocupando o lugar de outras formas de produção agrícola.

Muitos acreditam que a cultura do café veio de Vassouras para Resende e depois para o Vale paulista, mas Mota Sobrinho (1968) descreve que o café implantou-se, tanto em Resende como no Vale paulista na década de 1830. Sendo seu período áureo na província do Rio de Janeiro vai de 1850 a 1870, e na zona bandeirante, de 1850 a 1887.

No período de 1834-1860 a arquitetura do café foi tomando feições próprias, fazendo adaptações dos estilos arquitetônicos anteriores, como barroco mineiro, implantando varias novidades conforme descreve Toledo (2001). Assim as cidades, hoje históricas, apresentam inúmeros modelos deste tipo de arquitetura, que resistiram ao tempo.

Para Mota Sobrinho (1968) o milagre do café só foi possível em razão de face social peculiar, composta dos barões do café e dos escravos, os quais exerciam funções nas roças, nas domésticas na construção de estradas. Como é descrito:

Era tradição as famílias irem para a igreja, nas festas do Divino Espírito Santo, com suas mamucas (amas que acompanhavam a família), e participavam da procissão, o ponto alto da parte religiosa. As damas da aristocracia rural nascente sentavam sobre tapetes, as pretas descansavam sobre esteiras, tendo até igreja própria, onde não havia o contraste destoante. Na casa de residência do festeiro, eleito dois anos antes, fazia-se distribuição de carne, farinha e sal aos pobres. A bandeira do Divino confeccionada, para a ocasião, e muito diferente daquelas que os empregados em tirar esmolas para a festa, exibiam nas fazendas, dando a beijar as fitas multicoloridas, que se desprendiam do tope de flores artificiais, surpreendia pela riqueza. (Mota Sobrinho, 1968, p.30)

A região Vale paraibana desenvolveu, com o crescimento da economia cafeeira durante o século XIX, o catolicismo popular. Esse é vivido pelos pobres em geral, representando para o povo o medo, a repressão e ao mesmo tempo a esperança, a participação e a proteção especial de Deus e dos santos. Tal

crença regional caracteriza-se pela homogeneidade de ricos e pobres a serviço da Igreja; heterogeneidade que atinge diferentes níveis sociais; manutenção do caráter rural; procura do sagrado para proteção e misticismo; alegria dos cultos dos santos familiares e dos padroeiros, com festas, ladainhas, procissões etc; caráter humano e espontâneo, unindo o sagrado ao profano, com todas as suas consequências, obrigando o desenvolvimento de um certo moralismo.

Tradições como essas ainda são muito presentes na região vale paraibana, apesar das mudanças econômicas e o passar dos anos, assim como as festas muitas arquiteturas do auge do café mantêm-se nas cidades e áreas rurais o que hoje soma-se ao potencial turístico da região. Parte dos municípios se industrializaram e possuem características urbanas mais marcantes, enquanto outros aparentemente estacionaram no tempo, mas com isso estão atraindo turistas que querem viajar no tempo.

Embora as tradições nas cidades do Vale histórico persistam com o decorrer dos anos as atividades econômicas não eram significativas, de forma que o famoso autor Monteiro Lobato as denominou “Cidades Mortas”.

MUNICÍPIOS EM DESTAQUE

Para este trabalho serão destacados alguns municípios que possuem certo destaque histórico econômico no desenvolvimento da região, a qual, em boa parte, foi colonizada por portugueses ou descendentes que adentravam as matas para desbravar o território principalmente em direção às minas de ouro. Sendo o Vale do Paraíba caminho das minas preciosas ao litoral várias vilas foram fundadas entre os séculos XVII e XVIII e posteriormente elevadas a município. No século XIX com o desenvolvimento e expansão da economia cafeeira essas cidades enriqueceram e cresceram. Mas no início do século XX o café já estava enfraquecido economicamente e o estado de São Paulo sofria com o excesso de produção e falta de escoamento, o que fez com que as cidades vale paraibanas envolvidas neste processo tomassem um novo rumo.

BANANAL

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010 o município possui 10.220 habitantes, situa-se na divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro

numa altitude de 454m na Serra do Mar. É um marco na história do período cafeeiro por ter alcançado o título de maior produtora de café do Brasil.

Por isso possui muitos prédios das grandes fazendas (Imagem 2) e melhoramentos públicos no centro urbano, esses são verdadeiros patrimônios que fazem de Bananal uma Estância turística, histórica e ambiental que além dos casarões coloniais que pertenceram a barões e comendadores há remanescentes da Mata Atlântica.

Segundo o instituto Explore Vale o município criou a diretoria de turismo vinculada à Associação Comercial e Industrial local com a participação do Sebrae-SP (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Este realizou oficinas de planejamento estratégico, reuniões de acompanhamento, um curso Saber Empreender e consultorias para qualidade no atendimento a clientes. Assim a comunidade foi envolvida no projeto de planejamento turístico com a participação de empresários do setor possibilitando decidirem o tipo de turismo que queriam para Bananal. Segundo órgãos competentes o município possui três hotéis fazendas que são o Hotel Fazenda Três Barras, Hotel Fazenda Independência e Hotel Fazenda Boa Vista.

As imagens abaixo são da Fazenda Resgate que existe desde 1823, e foi retratada pelo artista Tom Maia em 1975 na obra Vale do Paraíba – Velhas Fazendas. Atualmente a fazenda encontra-se conservada interna e externamente, é tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional e considerada uma das cem mais belas e importantes edificações da história do Brasil, segundo o *site* da própria fazenda, sendo um dos atrativos do turismo histórico-cultural do município de Bananal, pois recebe visitantes por agendamento de horário.



Imagem 2 - Fazenda do Resgate em Bananal na imagem A desenhada à pena pelo artista Tom Maia na segunda metade do século XX e na imagem B uma fotografia recente, ambas mostrando a conservação do casarão do século XIX. **Fontes:** A- Tom Maia em Vale do Paraíba Velhas Fazendas (1975); B- <http://www.fazendaresgate.com.br/fotos/fachada/grande3.jpg>.

São José do Barreiro

O município está a uma altitude de 510m e possui 4.097 habitantes (Censo/IBGE 2010). A história de São José do Barreiro inicia-se com o tropeirismo pelo caminho da Trilha do ouro que ligava Minas Gerais ao litoral. Mas com a expansão das fazendas de café para a região foram construídos casarões luxuosos que perduram até hoje. Por isso é uma estância turística desde 1998.

Os principais atrativos em São José do Barreiro são as fazendas de café, destacando-se a Fazenda Pau D'Alho e a Trilha do Ouro, além de cachoeiras e o Pico do Tira Chapéu, sendo assim, o município possui turismo cultural e ecoturismo.

AREIAS

A pequena cidade de 519m de altitude conta com apenas 3.693 habitantes (Censo/IBGE 2010), porém guarda a nascente do Rio Paraitinga que mais adiante se encontrará com o Rio Paraibuna formando o Rio Paraíba que nomeia também o vale.

Areias chegou a produzir mais de 100 mil arrobas de café (equivalente a 25 sacos de 60 quilos). Na época, era uma das mais importantes cidades do país; o município também teve participação relevante no processo da Independência do Brasil, na Revolução Constituinte de 1932, entre outros. Em sua praça central encontram-se vários exemplares da beleza arquitetônica da época, entre elas: a prefeitura, a igreja e hotéis conforme consta no histórico do IBGE. O município também desenvolve o turismo cultural devido sua história e tradições conservadas.

QUELUZ

O município de 11.325 habitantes (Censo/IBGE 2010) possui típicos artesanatos em taboa, fibra de bananeira e couro e também atrações como: rios de águas cristalinas com nascentes na Serra da Mantiqueira, cachoeiras, casarios e fazendas antigas, acervos históricos, mantendo-se assim no padrão das cidades do Vale do Paraíba Histórico com potencial de ecoturismo e turismo cultural.

SILVEIRAS

A uma altitude de 615m Silveiras possui 5.792 habitantes segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010. A história do município também começou com as paradas dos tropeiros que iam para as Minas de ouro. Atualmente a cidade é considerada sede do Tropeirismo no Vale do Paraíba, pois guarda a tradição desses homens em monumentos, construções, gastronomia e outras manifestações culturais conforme descrito no IBGE cidades. Por estar na Serra

da Bocaina possui muitas cachoeiras, que atraem turistas pelo potencial ecológico. A economia silveirense baseia-se em pecuária leiteira e artesanato.

CUNHA

O município possui 21.874 habitantes (Censo/IBGE 2010) e é uma Estância Climática desde 1993 por estar a 1100m de altitude. O início da comunidade cunhense se deu pela parada de descanso dos aventureiros que subiam a Serra do Mar, de Paratí para as Minas Gerais. No século XIX as trilhas de ouro foram ampliadas e calçadas para escoar a produção cafeeira do Vale para Paratí.

Cunha além de possuir belas paisagens e clima muito agradável do alto da serra, é famosa também pelos artesãos que transformam barro em belíssimas cerâmicas, essa tradição de trabalhar com barro vem dos índios e também foi muito marcante pelas paneleiras que produziam rústicas panelas de barro. Atualmente os artesãos do município possuem fornos à lenha de alta temperatura de origem oriental. Existe na cidade em torno de 20 ateliês de cerâmica que são abertos a visitação além da venda de peças. (IBGE Cidades).

O município está com considerável desenvolvimento turístico, sendo uma Estância Climática com ecoturismo e atrativos culturais.

CACHOEIRA PAULISTA

O município de 30.099 habitantes (Censo/IBGE 2010) iniciou-se como sendo parte do caminho para as Minas de ouro e no século XIX integrou o comércio cafeeiro do Vale do Paraíba. O nome cachoeira Paulista foi dado devido ao Rio Paraíba do Sul ser encachoeirado no trecho do município.

O turismo contribui significativamente na economia do município que recebe mais de um milhão de turistas ao ano devido ao ecoturismo e a religiosidade (Prefeitura Municipal de Cachoeira Paulista). Cachoeira Paulista possui a sede da Comunidade Canção Nova que é um grupo de evangelização que transformou uma área de 372 mil m² em um espaço para fiéis católicos para eventos, como encontros, acampamentos entre outros. A comunidade recebe em torno de 550 mil peregrinos anualmente segundo o site da Canção Nova.

CRUZEIRO

O município de 77.070 habitantes (Censo/IBGE 2010) possui uma história peculiar na região, uma vez que não possui origem mineira e nem agrária, pois segundo consta nas informações da Prefeitura Municipal de Cruzeiro a cidade desenvolveu-se do advento da ferrovia, sendo assim desde o princípio uma sociedade urbana, conforme o histórico do IBGE Cidades.

LORENA

Instalada pelos bandeirantes e outros viajantes que iam para Minas Gerais, o município de 82.553 habitantes (Censo/IBGE 2010) teve sua glória econômica no período do café, meados do século XIX, porém após essa fase perdeu parte de sua população para as Zonas Pioneiras do Café no Oeste Paulista.

A população que continuou no município cultivou cana-de-açúcar, arroz e outros produtos, mas com a instalação da rodovia Presidente Dutra (BR-117), que liga as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, houve um desenvolvimento industrial em Lorena em que se destacam as indústrias químicas, explosivas e de condutores elétricos segundo descrição do IBGE Cidades.

GUARATINGUETÁ

A história de Guaratinguetá começa por estar no caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro, inicialmente possuía indústria rudimentar e caseira. Possui uma fase próspera de cultura de cana-de-açúcar e mais tarde de café. Com a decadência deste volta a produzir cana-de-açúcar e também arroz.

Atualmente o município de 112.091 habitantes (Censo/IBGE 2010) possui fazendas de criação e pecuária que a partir de meados da década de 1920 recebeu famílias mineiras que desenvolveram essas atividades. Guaratinguetá conta também com indústrias e possui um recente e crescente atrativo turístico religioso devido à canonização do Santo Frei Galvão que viveu na cidade.

APARECIDA

O município de Aparecida é provavelmente o mais famoso da região, e sua história é bem diferente dos outros municípios do Vale do Paraíba. A área de Aparecida pertencia a Guaratinguetá até o ano de 1928, e a cidade já foi fundada pelo turismo religioso.

A história de Aparecida começa com o crescimento de uma vila que guarda a imagem encontrada por três pescadores em um dia no Rio Paraíba do Sul. A imagem de Nossa Senhora da Conceição foi encontrada ao fim de um dia sem peixes, porém depois da imagem aparecer na rede de pesca o barco se encheu com fartura.

A imagem foi guardada na casa de um dos pescadores e com certa frequência as pessoas o procuravam querendo saber da imagem aparecida, que assim foi nomeada Aparecida. Em 1728 foi construída uma capela para a imagem e em 1894 começou a construção da primeira igreja e ao seu redor surge uma vila que foi emancipada de Guaratinguetá.

Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi proclamada padroeira do Brasil em 1929 pelo Papa Pio XI. Na época, já haviam os romeiros, conjunto de indivíduos que vinham em grupos, oriundos de lugares distantes, especificamente para pagar as promessas, graças aos milagres e curas alcançadas por interseção da Santa. Assim construiu-se a basílica Menor e anos depois a Basílica de Aparecida Santuário Nacional.

A cidade de 35.043 habitantes (Censo/IBGE 2010) possui toda a dinâmica urbana atrelada ao turismo religioso. Assim, existem 31 mil leitos em 160 hotéis, segundo o Sindicato dos Hotéis de Aparecida, pois o número de romeiros pode ultrapassar 200 mil em um só dia, de forma que em 2010 mais de 10 milhões de pessoas visitaram a Basílica conforme informou a Imprensa Santuário Nacional.

PINDAMONHANGABA

O município, segundo o Censo Demográfico do IBGE 2010, possui 147.034 habitantes e durante o século XIX foi marcado pelas atividades escravocratas no período da economia cafeeira. Após a década de 30 do século XX a economia pindamonhangabense desenvolveu a cultura de arroz, agropecuária e produção hortigranjeira, e entre 1970 e 1980 a cidade começou a ter um grande crescimento industrial.

TAUBATÉ

Taubaté aparece na história como centro de irradiação de bandeirantes, teve relevante participação no período da economia áurea, por ter possuído a primeira Casa de Fundação do Brasil.

O município de 278.724 habitantes (Censo/IBGE 2010) também se destacou no período do café possuindo hoje diversos casarões antigos pelas ruas estreitas do centro da cidade, o qual posteriormente veio a se industrializar conforme o IBGE Cidades.

Outro ponto relevante em Taubaté é a sede do Sítio do Pica-Pau Amarelo, casa onde nasceu o autor infantil e crítico Monteiro Lobato, a casa está conservada em uma chácara que em 2010 recebeu 108.447 visitantes conforme informou a administração do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

SÃO LUIS DO PARAITINGA

A região era parada de tropeiros que seguiam do interior para Parati. Atualmente com 10.404 habitantes (Censo/IBGE 2010) é uma das cidades mais movimentadas da região pelo turismo e atividades culturais. A arquitetura do centro histórico manteve-se bem conservada e a cidadezinha cheia de tradições em sua cultura despertou o interesse nos turistas, por suas festas tradicionais de cunho religioso e popular. Sendo os principais o carnaval e a Festa do Divino.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

É a maior cidade da região e possui segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE) 627.544 habitantes, sua história é semelhante ao restante do vale paraibano, pois foi vila de bandeirantes e enriqueceu com o café. Mas atualmente é uma rica cidade com os setores industrial, tecnológico e de serviços bem desenvolvidos, segundo o IBGE Cidades.

Em 1950 foi instalado em São José dos Campos o Centro Tecnológico Aeroespacial (CTA) onde se encontram institutos como ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), além desses, a cidade também possui a Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica) e diversas outras indústrias de grande porte.

JACAREÍ

De acordo com o histórico do IBGE Cidades a região de Jacareí era pouso de aventureiros no desbravamento dos interiores da colônia. Mais tarde vivencia a forte a forte produção de café do Vale do Paraíba, porém pós a queda da economia cafeeira na região Jacareí passou por uma fase de estagnação seguida de outra atividade - a industrialização. Possui 211.308 habitantes de acordo Censo Demográfico de 2010 (IBGE).

JAMBEIRO

No período do domínio do café no Vale do Paraíba, uma povoação começou a se formar às margens do rio Capivari, em torno da capela de Nossa Senhora das Dores, e após as crises e decadência do café no século XX a economia do município alterou-se para pecuária leiteira, segundo o histórico do IBGE Cidades. No Censo Demográfico do IBGE de 2010 o município possuía 5.350 habitantes.

OUTRAS INFORMAÇÕES

É notável semelhanças históricas entre os municípios, tal qual suas nomeações que são ou de origem indígena (tupi-guarani) ou com nome de santos, essa característica indica a miscigenação que ocorreu no período de colonização da região entre europeus, principalmente portugueses, e indígenas nativos. O nome da cidade de São Luis do Paraitinga foi o unico que se manteve, pois os outros municípios tiveram um dos termos excluídos do nome, como São Francisco das Chagas de Taubaté em que se manteve apenas o termo indígena, sendo hoje simplesmente Taubaté.

Em uma análise da cultura da região do Vale do Paraíba, notam-se as influências que geraram o que é a atual região, pois é um local com manifestações religiosas bem marcantes como prossições e festividades, em geral, herança da colonização portuguesa, por outro lado na alimentação existe a influência indígena do uso do milho, que é usado com muita frequência na região.

Além das cidades descritas o Vale do Paraíba possui mais algumas que não foram tão envolvidas no período cafeeiro, mas atualmente também atraem

turistas, principalmente os municípios da Serra da Mantiqueira como São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal, que por suas elevadas altitudes são estâncias climáticas, e possuem picos de quase dois mil metros de altitude. Por essas características desenvolvem ecoturismo e há Festivais de Inverno, pois as baixas temperaturas são propícias para atrair turistas. Devido ao clima ameno foi construído um hospital para tratamento de tuberculose em Campos do Jordão, o que iniciou o desenvolvimento da região e após o controle da doença e descentralização do tratamento desta a cidade passou a focar o turismo como principal atividade econômica e com o sucesso alcançado as cidades vizinhas também passaram a investir nessa atividade ampliando a rede de hospedagens e fomentando o comércio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vale do Paraíba é uma região com aspectos históricos muito importantes para o país. Suas cidades, que já foram consideradas mortas, são museus ao céu aberto e precisam ser respeitados como patrimônios e explorados culturalmente. Os aspectos geográficos de alguns municípios não favorecem uma expansão agrícola e nem industrial, porém as paisagens e relíquias históricas são atrativos turísticos com potencial tanto nas questões culturais quanto no ecoturismo.

O turismo está se despertando nas cidades menos industrializadas da região, secretarias e conselhos de porte municipais estão sendo criados e organizados, mas as informações ainda estão fragmentadas, as quais nem sempre são encontradas facilmente, sendo que os municípios que adotaram sites disponibilizam algumas delas, mas ainda se nota uma defasagem.

Os municípios que já foram denominados de “Cidades Mortas” estão revivendo com o turismo, que integra as tradições com a natureza preservada da região e participando mais da dinâmica regional, pois nos feriados e finais de semana atraem vários visitantes que são de outras cidades do Vale do Paraíba e assim motivando a conservação das características mais marcantes da cultura regional, como a culinária e festividades religiosas, não só em alguns municípios mas em toda a região.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas** São Paulo: Ateliê Editorial, 6ªed. 2010.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acessado em: 10 de janeiro de 2011.

BRASIL, **Município De Cachoeira Paulista**. Disponível em:<<http://www.cachoeirapaulista.sp.gov.br/main.php?logic=pagina.selecionar&id=2>> Acessado em: 20 de janeiro de 2011.

BRASIL, **Município De Cruzeiro**. Disponível em:<<http://portal.cruzeiro.sp.gov.br/index.php/site/historiadacidade>> Acessado em: 15 de janeiro de 2011.

BRASIL, **Município de Pindamonhangaba**. Disponível em:<http://www.pindamonhangaba.sp.gov.br/cid_resumohistorico.asp> Acessado em: 18 de janeiro de 2011.

Circuito Turístico Vale Histórico. Disponível em:<<http://www.circuitovalehistorico.com.br/municipios.html>> Acessado em: 13 de janeiro de 2011.

Comunidade Canção Nova. Disponível em:<<http://comunidade.cancaonova.com/como-nascemos/>> Acessado em: 20 de janeiro de 2011.

Fazenda Resgate. Disponível em:<<http://www.fazendaresgate.com.br/index.html>> Acessado em: 28 de janeiro de 2011.

MAIA, Tom; HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Vale do Paraíba – Velhas fazendas** – São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1975

Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida. Disponível em:<<http://www.a12.com/santuario/imprensa/numeros.asp>> Acessado em: 01 de fevereiro de 2011.

SOBRINHO, Alves Mota. **A civilização do café (1820 – 1920)** - São Paulo: Ed. Brasiliense, 2ªed. 1968.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Outros caminhos – Vale do Paraíba do regional ao internacional, do global ao local** - São Paulo:Ed.Salesiana, 2001.